

Relações Brasil-UE: oportunidade perdida

A ascensão da China e o reavivar dos BRICS oferecem mais hipóteses ao Brasil de ter um lugar de destaque na equipa vencedora.

Jorge Botelho Moniz | Público | 22 de Abril de 2023

Quando Lula da Silva venceu as eleições presidenciais, os líderes europeus fizeram fila para felicitar o recém-eleito Presidente do Brasil. Confiantes de que seria menos errático e de que daria mais atenção aos aspectos globais ou regionais, o Twitter encheu-se de apelos à cooperação estreita em questões comerciais e ambientais (Scholz), à união das forças para enfrentar desafios comuns (Macron) ou ao trabalho conjunto para avançar com as relações UE-Brasil (Borrell).

Tão perto e tão longe. O estado (zero) das relações externas brasileiras levou à assunção de que o país assumiria um papel mais relevante no palco internacional. Isso precipitou os países europeus a lutar pelas alianças do Palácio Itamaraty e a competir pelos favores de Lula. O início pareceu auspicioso, com a presença de Lula na COP27, a retoma do financiamento do Fundo Amazônia e o contacto com diferentes capitais europeias. Contudo, o novo Presidente estava condenado a desiludir. As declarações sobre a guerra e a paz na Ucrânia foram um aperitivo seguido por uma *realpolitik* comercial que privilegia a criação de uma nova ordem internacional, menos dependente dos EUA e distante do eurocentrismo.

O apelo do "mundo novo". O Brasil acha-se fadado a liderar o Sul Global, o grosso da população mundial, países na maioria não alinhados quanto à guerra na Ucrânia, que não se identificam com a hostilidade ocidental face à Rússia e que compram aos russos o que os europeus já não querem comercializar. Ao considerar a guerra um problema europeu, o Brasil procura assumir-se como um actor global, replicando a retórica russa e a ideia “plano de paz” chinês e mediando um conflito que está acima da sua categoria internacional. A isto não é alheia a dependência do agro-negócio brasileiro da indústria de fertilizantes russa e o papel instrumental da Rússia na construção de um nova ordem multipolar ou bipolar. A reaproximação a Pequim forjada por Lula é ainda menos indiferente ao facto de a China ser, de longe, o principal parceiro comercial do Brasil e de ter retomado, recentemente, a importação de carne bovina brasileira. Se se juntar a isso o dinheiro que a Rota da Seda poderá fazer jorrar na economia brasileira, fica um pouco mais fácil ler o alinhamento Brasília-Pequim.

Tchau, União: A UE é o segundo principal parceiro comercial do Brasil, sendo responsável por 15% da globalidade do seu comércio. No entanto, para mandar é preciso estar mais presente e oferecer mais. Contrariamente aos chineses que estão dispostos a fazê-lo, a UE e os EUA foram deixando um vácuo que foi preenchido por aqueles com capacidade e vontade de pagar pela construção de infra-estruturas críticas ou apoiar o desenvolvimento tecnológico. Como a UE não parece capaz de o fazer, o Brasil afasta-se – não há uma cimeira UE-Brasil desde 2014 e perdeu-se o fôlego no acordo UE-Mercosul.

O foco de Bruxelas, que usa amiúde a sua política comercial como uma arma de acção externa, passou a estar na retórica de Brasília relativamente à guerra, colocando os acordos comerciais e o estreitamento de alianças com as potências da América do Sul em segundo plano. Ora, num contexto de maior protecção norte-americano, desafios inerentes à guerra no continente e necessidade de diminuição do risco de dependência chinesa ao nível das matérias-primas críticas, um tchau do Brasil poderá ser mais um golpe no protagonismo internacional da UE.

Com os problemas internos (a marcha lenta da economia e o regresso de Bolsonaro), é expectável que Lula continue a apostar na frente externa. A guerra na Europa, a ascensão da China e o reavivar dos BRICS oferecem mais hipóteses ao Brasil de ter um lugar de destaque na equipa vencedora. O nível de (inter)dependência brasileira relativamente à Rússia e, sobretudo, à China dá a esta questão uma dimensão estrutural, algo que ultrapassa a dicotomia esquerda-direita em Brasília. Talvez, por isso, até o título deste artigo não seja correcto. É provável que as relações UE-Brasil nunca tenham tido realmente uma oportunidade.

<https://www.publico.pt/2023/04/22/opiniao/opiniao/relacoes-brasilue-oportunidade-perdida-2047076>